



---

## LITERATURA AO VIVO: A EXPERIÊNCIA DO SARAU ELÉTRICO

\*\*\*

### LIVE LITERATURE: THE *SARAU ELÉTRICO* EXPERIENCE

Katia Suman<sup>1</sup>  
Diego Grandó<sup>2</sup>

**Recebimento do texto:** 20/10/2017

**Data de aceite:** 10/11/2017

**RESUMO:** Este artigo compõe-se de dois olhares complementares sobre a ideia de “literatura ao vivo”, isto é, as manifestações literárias, ou em torno da literatura, tais como saraus, festas e festivais, que escapam às formas de apresentação e apreciação canônicas do texto literário, quais sejam, o livro impresso e a leitura individual e silenciosa. O primeiro olhar visa a oferecer um panorama histórico do fenômeno, consistindo no recenseamento preliminar e na tentativa de construção de uma linha do tempo das manifestações de literatura ao vivo no Brasil, do início do século XIX aos dias de hoje. Já o segundo, em forma de depoimento, aborda um evento específico de literatura ao vivo: o Sarau Elétrico, criado em 1999 pela coautora deste artigo, em Porto Alegre/RS, e que em 2017 completou 18 anos de existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura ao vivo; Leitura; Oralidade; Performance; Sarau Elétrico.

**ABSTRACT:** This article is composed by two complementary perspectives on the idea of “live literature”, that is, literary manifestations, or those around literature – soirées, fairs, and festivals – that break away from the canonical means of presentation and appreciation of the literary text, such as the printed book and the silent individual reading experience. The first perspective aims at offering a historical overview of this phenomenon, consisting of a preliminary outline and an effort to build a timeline of live literature in Brazil from the beginning of the 19th century until today. The second one, presented as a testimony, approaches a specific live literature event called *Sarau Elétrico*, which was created in 1999 by the co-author of this article in Porto Alegre/RS (Brazil), and completed 18 years of activity in 2017.

**KEYWORDS:** Live literature; Reading; Orality; Performance; Sarau Elétrico.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e criadora do Sarau Elétrico. [katia@radioeletrica.com](mailto:katia@radioeletrica.com)

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e integrante do Sarau Elétrico. [grandodiego@gmail.com](mailto:grandodiego@gmail.com)





## 1. Em torno da literatura ao vivo: festivais, festas e feiras

O brasileiro lê 4,96 livros por ano, de acordo com os resultados da quarta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada em 2015 (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; IBOPE, 2016). O certo seria dizer “começa a ler”, porque a mesma pesquisa aponta que o brasileiro só acaba de ler a metade, ou seja 2,43 livros por ano. Independente do parâmetro que se queira adotar, é muito pouco. Estamos falando dos 56% da população que, pelos critérios da pesquisa, são considerados “leitores”. Estamos falando de um país que não lê.

Não deixa de ser surpreendente que, nesse contexto, esteja crescendo e se consolidando uma cena de eventos em torno do livro e da literatura, sejam eles festas, feiras, festivais, bienais, salões ou jornadas. Em 2013, o Ministério da Cultura listava 257 eventos; em 2014, foram pelo menos 320, de acordo com levantamento feito pelo jornal *O Globo* (FILGUEIRAS, 2015). “Em algumas regiões, esses eventos estão substituindo as bibliotecas públicas no papel de juntar o leitor com os livros e os escritores, porque têm um poder maior de comunicação e interação com a comunidade”, observa o escritor Carlos Henrique Schroeder, em entrevista a Mariana Filgueiras (2015), na mesma matéria.

Trata-se, portanto, de um fenômeno que não pode ser desconsiderado no sistema literário brasileiro: a literatura feita ao vivo ou a presença da literatura ao vivo, isto é, fora de sua forma de apreciação tradicional, o livro impresso e a leitura individual e silenciosa. Declamação, oralização, leitura em voz alta, sarau, roda de leitura, performance, *happening*, slam, enfim, vários são os nomes, tanto quanto os formatos dos acontecimentos, autônomos ou incluídos nas programações de eventos





maiores, que colocam alguém, seja ou não o autor, diante de um público, para realizar oralmente um texto literário.

Neste artigo, abordaremos o fenômeno da “literatura ao vivo” através de dois caminhos, dois olhares complementares. Na ausência de um estudo que conte, de maneira ampla e sistemática, a história da presença da literatura ao vivo no Brasil, pontuaremos, na primeira parte, uma série de momentos em que manifestações dessa ordem se fizeram notar. Não se quer, contudo, forçar a percepção de uma continuidade, muito menos inventar uma tradição que parece não existir, mas, antes, encontrar indícios muito vagos dos fenômenos que se consolidaram na virada do século XX para o XXI, reunindo em si boa parte das características de seus predecessores.

Na segunda parte deste artigo, traçaremos um histórico de uma manifestação específica da literatura ao vivo, o Sarau Elétrico. Surgido em 1999, em Porto Alegre, o Sarau Elétrico completou, em julho de 2017, 18 anos de existência, configurando-se como um dos saraus mais longevos do país. A formação atual conta com Katia Suman e Diego Grando, os dois autores deste artigo, além do professor Luís Augusto Fischer<sup>3</sup>. Por esse motivo, a apresentação do Sarau Elétrico será feita em forma de relato.

## **2. Literatura ao vivo no Brasil: uma tentativa de visão panorâmica**

Há um certo consenso que os saraus chegam ao Brasil junto com a Corte de D. João, em 1808. De inspiração francesa, reproduzem a lógica dos *salons*: eventos de ordem privada, nos quais a presença de músicos e poetas ajuda a conferir ares de requinte e delicadeza a um seletos público com pretensões aristocráticas. São acontecimentos acanhados, que dizem mais

---

<sup>3</sup> Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).





respeito a uma tentativa de vida mundana do que literária. Ainda assim, expandem-se, ao longo do período imperial, para além do Rio de Janeiro: primeiro São Paulo, pelo desejo de afrancesamento de alguns fazendeiros, em seguida outras capitais de províncias (SCAVONE, 2005).

A promoção de saraus também esteve entre as atividades da Sociedade Partenon Literário, fundada em 1868, em Porto Alegre. Abertos aos associados e ao público geral, esses saraus mesclavam números musicais e leituras de textos poéticos a discussões sobre temas variados, tais como religião, ciência e política (BAUMGARTEN, 1997, p.70). Levando em conta o conjunto das atividades propostas pela sociedade, que incluíam cursos noturnos e apoio à criação de bibliotecas, ao lado de sua *Revista Mensal*, de distribuição gratuita, no seio de uma agremiação de tendência abertamente republicana e abolicionista, pode-se falar de uma verdadeira preocupação com a criação de políticas culturais. E, nesse sentido, o espaço dado à literatura ao vivo surge como uma das ações em busca do estabelecimento e da ampliação de um sistema literário local ainda incipiente, partindo do reconhecimento da necessidade de se formar um público para isso, informando-o, sensibilizando-o.

Outra agremiação que incluiu manifestações de literatura ao vivo em sua rotina foi a Padaria Espiritual, fundada em Fortaleza/CE, em 1892. De caráter mais despojado, promovendo encontros diários no Café Java ou nas casas de seus integrantes, o movimento tinha, no primeiro item de seu estatuto, o objetivo de “fornecer pão de espírito aos sócios em particular, e aos povos, em geral” (NOBRE, 2009). Além de editar livros e revistas, entre as atividades previstas estão as leituras públicas, como consta no item 9 do estatuto: “Durante as fornadas [*sessões*], os Padeiros [*sócios*] farão a leitura de produções originais e inéditas, de quaisquer peças literárias que encontrarem na imprensa nacional ou estrangeira e falarão sobre as obras que





lerem” (NOBRE, 2009). Foi em uma das sessões, ainda no primeiro ano de funcionamento, que Adolfo Caminha causou polêmica com a leitura de um capítulo de *A Normalista*, romance que viria a ser publicado em 1893. Apesar de sua existência efêmera (até 1898), a sociedade foi o embrião do Centro Literário, que teve uma existência ativa entre 1895 e 1905 (BROCA, 2004, p.98).

Estrutura semelhante, de valorização e divulgação de novos autores, parece ter tido a Oficina dos Novos, criada em São Luís/MA, em 1901. A sociedade, que iria dar origem à Academia Maranhense de Letras em 1908, realizava saraus literoteatrais para angariar fundos a fim de viabilizar a edição das obras de seus membros (BROCA, 2004, p.109).

O início do século XX marca o período da *Belle Époque* do Rio de Janeiro, capital do país. Há uma intensa movimentação dos escritores, e também em torno deles, seja em cafés, livrarias e salões privados, em sua maioria acontecimentos de cunho mundano, nos quais a literatura em si passava tangencialmente. Ainda assim, há ao menos dois fatos a destacar, um de ordem privada, outro, pública.

Primeiro, o salão de Coelho Neto, de clima mais descontraído e receptivo em relação aos demais salões (aberto mesmo aos novatos vindos da província, desde que munidos de uma carta de apresentação), em cujas reuniões, aos sábados, afluíam músicos, artistas plásticos e, evidentemente, escritores (BROCA, 2004, p.62-63). Registre-se uma noite específica, a da coroação de Olavo Bilac como “príncipe dos poetas”, regada a leituras: “Ângela Vargas recitou “O caçador de esmeraldas”, Gustavo Barroso leu páginas da *Terra do sol*, Alcides Maia [...] leu capítulos do romance *Ruínas vivas*, Rosalina Coelho Lisboa [...] declamou versos de seu primeiro livro, *Rito Pagão*” (BROCA, 2004, p.63). Literatura ao vivo e no centro das atenções, sem dúvidas, ainda que apenas entre alguns escolhidos. Além disso,





assinale-se a existência de um número recorrente no salão de Coelho Neto: a leitura do poema “O corvo”, de Edgar Allan Poe, por Alberto de Oliveira, que envolvia inclusive uma preparação cênica, com a sala ficando a meia-luz para que o poeta parnasiano declamasse “com voz cava os versos lúgubres: 'Nunca mais! Nunca mais!’” (BROCA, 2004, p.64).

Segundo a moda das conferências literárias. Embora haja registros de manifestações do tipo ainda na década de 1870, algumas promovidas pelo próprio imperador, é na primeira década do século XX que se estabelecem como opção de atividade cultural inscrita na agenda da cidade. Abertas ao público, porém com cobrança de ingresso, além da visibilidade que garantiam aos escritores-conferencistas, que se debruçavam sobre temas diversos, não exclusivamente literários (BROCA, 2004, p.194-197), eram também uma interessante oportunidade de remuneração. Também nesse caso, o sucesso devia-se ao caráter mundano: “tratava-se de uma reunião social, onde as mulheres, geralmente, iam com o espírito com que se vai a um chá-dançante, e os homens acorriam, em parte, para ver as mulheres” (BROCA, 2004, p.198).

Num salto para São Paulo, é num momento de ruptura estética que diversas manifestações anteriores parecem se reunir: a Semana de Arte Moderna de 1922. Foi realizada no Theatro Municipal, com programação exclusivamente artística divulgada nos jornais, incluindo, ao lado de música, dança, pintura e escultura, tanto conferências quanto leituras de obras literárias, entre as quais a do poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira, por Ronald de Carvalho (REZENDE, 2011). A Semana dá vários indícios de uma busca da autonomia do campo artístico: cobrança de ingresso, divulgação da imprensa, busca de uma certa polêmica, que gerasse repercussão. Ou seja, nem encontro mundano, nem agremiação fechada; parece, enfim, ser um dos primeiros acontecimentos em torno da literatura a vogar para si o caráter de





evento organizado, de ato artístico em sua totalidade (a Semana, aliás, também se autodeclarava um “festival”).

Isso não significa dizer que tudo o que envolveu o modernismo paulista teve caráter público e autônomo, longe disso. Os salões continuaram em voga ao longo das décadas de 1910 a 1930, merecendo destaque os realizados na Villa Kyrial, um casarão situado na Vila Mariana, de propriedade de um político e mecenas gaúcho, José de Freitas Valle. Por lá ocorreram conferências e debates sobre artes, alguns ainda anteriores à realização da Semana, além de leituras e saraus, tendo sido recebidas figuras como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira (CAMARGOS, 2001).

De volta ao Rio de Janeiro, o mesmo período também registra o salão promovido por Laurinda Santos Lobo, no bairro de Santa Tereza. Neste espaço de circulação cultural, encontros de artistas e mecenato, os saraus literários e musicais eram atividade recorrente. Pelo casarão, transformado em Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo em 1979, passaram nomes como Villa-Lobos, João do Rio, Isadora Duncan e Tarsila do Amaral (MUSEUS DO RIO, 2013). Assim como os casos de Freitas Valle e Laurinda Santos Lobo, outros tantos salões tiveram lugar nas mais diversas capitais de Estados.

A movimentação em torno dos salões parece se esgotar na década de 1940, fazendo com que saraus e assemelhados saiam do escopo de atividades das elites letradas. Eis aí um duplo deslocamento: primeiro, cabe a jovens escritores, intelectuais e universitários a organização de eventos dos quais a leitura faça parte; segundo, e consequência imediata do primeiro, os locais de realização passam a ser bares, praças, salas de teatro (SCAVONE, 2005). Ou seja, das elites para o *underground*.





Na década de 1950, um ponto totalmente fora da curva: o Primeiro Festival Brasileiro de Poesia, em Porto Alegre, no ano de 1958. Organizado pelo grupo Quixote, fundado por jovens intelectuais em 1947, e que manteve uma revista homônima até 1952, o festival foi realizado nas dependências da Universidade do Rio Grande do Sul e atraiu um público de mais de 4.500 pessoas, sobretudo jovens artistas, estudantes universitários e secundaristas (BRAGANÇA, 2009, p.52). Entre as atividades estavam as “revistas orais de poesia”, dentro de um evento que, propondo-se a buscar novos modos de divulgação e veiculação da poesia, tinha em seu *slogan* algo de ato político: “O povo tem direito à poesia” (BRAGANÇA, 2009, p.53). Esse mesmo mote foi mantido, nos anos seguintes, para eventos de menor porte promovidos pelo grupo, como a Mostra de Poesia Ilustrada e o Volante de Poesia, espécies de *happenings* realizados nas praças de Porto Alegre (BRAGANÇA, 2009, p.53).

Uma dessas praças, a da Alfândega, já era palco da Feira do Livro de Porto Alegre, desde 1954. A Feira, que surgiu voltada para venda de livros, demorou a incluir atividades paralelas em sua programação, tais como palestras, bate-papos, horas-do-conto e leituras. Quando o fez, contudo, foi incontornável: a partir de 1994, essas atividades “se tornaram parte absolutamente central da Feira, a cada ano ganhando mais nitidez e qualidade e tornando-a uma espécie de universidade aberta a cada ano” (FISCHER, 2004, p.99-100). É, talvez, um dos primeiros sintomas do modelo que viria a se firmar nos anos seguintes, o dos festivais, festas e feiras literárias, em que a literatura ao vivo surge como espinha dorsal e, simultaneamente, estratégia de divulgação do próprio evento.

De maneira análoga, a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, criada em 1981, também encontrou na presença de escritores e no clima festivo o seu equilíbrio. Afinal, um evento surgido no seio de uma





universidade teria tudo para ser apenas sério, carrancudo e, portanto, de pouco apelo para o público geral. Todavia, o contato próximo com os escritores, de maneira quase horizontal, num tom de informalidade, não só garante a presença de espectadores, mas aponta para a concretização do principal objetivo da Jornada: a formação de leitores (UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO, 2011).

É justamente nos anos 1990 que ocorre um ressurgimento dos saraus, agora sob outras roupagens. Idealizado por Chacal, poeta da Geração Mimeógrafo dos anos 1970, e Guilherme Zarvos, o CEP 20.000 nasceu em agosto de 1990, no Rio de Janeiro (CEP 20.000, 2004). O CEP, sigla para Centro de Experimentações Poéticas, foi criado com o intuito de misturar linguagens e gerações, colocando poetas iniciantes a falar no mesmo microfone que autores já conhecidos e editados, por muito tempo apresentados por um mestre de cerimônias paramentado com uma máscara de Minotauro feita em papel machê (CEP 20.000, 2004). Os encontros quinzenais, no Espaço Sérgio Porto, abrem também espaço para apresentações de música, vídeo, esquetes, performances, e o que quer que se apresente. Em 2015, quando comemorou 25 anos de existência, Chacal entregou a coordenação do evento a um grupo de jovens poetas surgidos do próprio palco do CEP 20.000 (REIS, 2015). Desde o princípio, porém de forma intermitente, o CEP contou com o apoio financeiro de organismos públicos, sobretudo o Instituto Municipal de Arte e Cultura – RioArte.

Em 1994, o escritor e professor baiano Alberico Rodrigues fundou, no bairro Pinheiros, em São Paulo, um centro cultural que leva seu nome. No espaço, que abriga lançamentos de livros, exposições, shows e apresentações teatrais, desenvolve-se também o Sarau do Alberico, com periodicidade mensal (Espaço Cultural Alberico Rodrigues). Já o clownesco Sarau do Charles, organizado por Alessandro Azevedo, surgiu em 1996, em São Paulo,





e tem caráter multicultural: no palco sucedem-se poetas, contadores de histórias, bailarinos, mímicos, atores e músicos, tanto profissionais quanto amadores (Associação Raso da Catarina). De periodicidade mensal (normalmente, o terceiro sábado do mês), o Sarau do Charles divulga antecipadamente as atrações confirmadas e faz chamadas para pré-inscrições para apresentações nas suas edições.

O Sarau da Cooperifa, a Cooperativa dos Artistas da Periferia, situada em Piraporinha, bairro da Zona Sul de São Paulo, foi criado em 2001 pelo poeta e ativista Sérgio Vaz. Todas as quartas-feiras, no Bar do Zé Batidão, alternam-se no microfone uma média de 50 poetas lendo ou declamando suas produções para um público de 200 pessoas. Da realidade da periferia, o sarau construiu uma identidade altamente democrática e formativa, em que há somente duas limitações: que os textos não sejam muito longos, para que todos tenham oportunidade de falar; que se fale apenas poesia. Isso fez com que aqueles que, no princípio, buscavam o microfone querendo fazer desabafos e discursos, deixando a literatura de lado, fossem instruídos pelo próprio Sérgio Vaz a transformarem aquilo que tinham a dizer em poesia (ONDA CIDADÃ, 2008). Trabalho, portanto, de construção de uma base cultural, em um contexto em que as opções são escassas, como se vê no relato de Vaz:

Na periferia não tem teatro, não tem museu, não tem biblioteca, não tem cinema, não tem nada. Então, fizemos um movimento dos sem-palco. Tem empregados, operários, músicos, office-boys, atores, atrizes, poetas, pintores, advogados, professores, escritores. Tiramos a literatura da casa grande e levamos para a senzala porque o conhecimento tem que ser de acesso de todo mundo. (STEFANEL, 2013).





Além de gerar retornos para além do evento, como é o caso das melhorias feitas no próprio Bar do Zé Batidão, inclusive a criação de uma pequena biblioteca ali mesmo, a visibilidade do Sarau da Cooperifa serviu de inspiração para a criação de uma série de eventos similares em outras regiões periféricas, tanto em São Paulo quanto em outras localidades, como são os casos do Sarau do Povo, em Diadema, o Coletivoz, em Belo Horizonte, e o Sarau do Bezerra, em Porto Alegre (MERLINO, 2009).

O diálogo com a periferia, com as questões raciais, o feminismo, as minorias e a política, somado à influência do Rap e do Hip-Hop, abriram espaço para a chegada do Slam, gênero poético surgido nos Estados Unidos na década de 1980, bastante difundido em países como Canadá e França. Trata-se de uma competição de poesia falada, na qual os *slammers* dizem textos de até três minutos, sem acompanhamento musical ou qualquer outro recurso a não ser o corpo e a voz, ao final das quais um júri popular, formado no início do evento por integrantes do público, atribui uma nota. Assim, no término da noite, há sempre um vencedor. Em dezembro, os vencedores de todos os slams do país se encontram para a competição final, da qual sai um poeta campeão, que representa o Brasil numa finalíssima anual, reunindo *slammers* de diversos países, na França (MIRANDA, 2016).

O primeiro Slam a surgir no Brasil foi o ZAP – Zona Autônoma da Palavra, em 2008, em São Paulo (BORGES, 2013). Organizado pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, o evento acontece na segunda quinta-feira do mês. Em 2012, criado pelo poeta Emerson Alcalde, teve início o Slam da Guilhermina, que acontece na última sexta-feira do mês, em uma praça próxima à estação de metrô Guilhermina-Esperança, na Zona Leste de São Paulo (RODRIGUES; DIMITRIOS; LIMA, 2015). Idealizado pelo poeta Del Chaves, frequentador dos outros dois slams, o Slam Resistência, que acontece nas primeiras segundas-feiras do mês na Praça Roosevelt, centro de São





Paulo, nasceu em 2014, na esteira da onda de protestos que tomou conta do país em 2013, e leva centenas de jovens a cada uma de suas edições (MIRANDA, 2016). A partir daí, e sobretudo pela visibilidade conquistada pelo Slam Resistência graças ao compartilhamento de vídeos das performances realizadas, algumas dezenas de slams surgiram, espalhados pelo país, em bares, estações de metrô, parques, praças, pistas de skate, onde proliferam textos sobre racismo, violência policial, violência contra a mulher, desigualdades de gênero, entre outros temas.

Em Porto Alegre, em 2017, havia pelo menos quatro grupos a promover encontros mensais de slam, geralmente nas ruas: Slam das Minas, Slam Peleia, Slam RS e Slam Chamego (CARAPEÇOS, 2017).

Mais próximos da grande mídia e das leis de incentivo, portanto do poder econômico, os festivais e festas literárias aparecem como as manifestações mais abrangentes, ao menos em termos de público, em torno da literatura, neste início de século XXI. Em 2003 realiza-se a primeira edição da FLIP, Festa Literária Internacional de Paraty, que desde então trouxe grandes nomes da literatura mundial, como Margaret Atwood, Salman Rushdie, Enrique Villa-Matas, Don DeLillo, Isabel Allende, Orhan Pamuk, Neil Gailman, Christopher Hitchens, Toni Morrison, Amos Oz, J. M. Coetzee, António Lobo Antunes e Karl Ove Knausgård. Atraindo um público de mais de 20 mil pessoas nas edições mais recentes (FLIP, 2017), a Flip tornou-se, além de uma celebração bastante midiaticizada da literatura (ou da vida literária), ou justamente por conta disso, um modelo para uma série de eventos literários por todo o país, notadamente em cidades interioranas, como ressalta a matéria de Filgueiras:

depois da Flip, já surgiram a Fliporto, em Porto de Galinhas (desde 2014, ela se mudou para Olinda), Pernambuco; a Fliparanapiacaba, em Santo André, São Paulo; e outras tantas, como a Fliro, em Ariquemes, Rondônia; a Flimar, em Marechal





---

Deodoro, Alagoas; a Flivima, em Visconde de Mauá, Rio de Janeiro; a Flimt, em Cuiabá, Mato Grosso; a Flap, em Calçoene, Amapá; a Flipipa, em Pipa, Rio Grande do Norte; e a Flaq, em Aquiraz, Ceará. (FILGUEIRAS, 2015)

De modo geral, eventos dessa natureza vêm sendo uma forma importante de divulgação, para os autores, e de formação de um público leitor. Um misto, portanto, de profissionalização e reconhecimento, de política cultural e movimentação do mercado do livro, de democratização e incentivo à leitura, como afirma o escritor Paulo Lins:

Fico muito feliz que encontros literários tenham se tornado uma moda no país. Antes só havia eventos assim para o público rico, em escolas particulares, centros culturais. Agora tem feira literária em tudo quanto é cidade, e, como elas são gratuitas, todo mundo pode ir. Acredito que esses encontros são hoje o principal incentivo à leitura no Brasil. (FILGUEIRAS, 2015)

Em Porto Alegre, a FestiPoa Literária, idealizada e organizada por Fernando Ramos, teve sua primeira edição em 2008, de maneira totalmente independente (LUCCHESI, 2017). Inspirada no Londrix – Festival Literário de Londrina, nascido em 2005, e na Balada Literária, surgida em São Paulo em 2006, a FestiPoa promove leituras, bate-papos, palestras, oficinas, apresentações teatrais, sessões de cinema e shows, na maioria dos casos, sem cobrança de ingresso. Os locais variam, de salas de espetáculo e centros culturais a bares e casas noturnas, passando por livrarias de rua.

É dentro desse quadro da literatura ao vivo que se tentou apresentar, ainda que de modo muito impreciso, quadro complexo e heterogêneo no qual a literatura deixa de ser um objeto bem delimitado, categorizável, estável, e passa a ser um mote para o encontro de pessoas em torno de um mesmo e rumoroso ideal, o compartilhamento de histórias, ideias, sensações, sonhos e





experiências, que, em 2017, o Sarau Elétrico completou 18 anos de existência, sobressaindo-se como um dos eventos literários mais longevos (dada, sobretudo, sua periodicidade semanal) e reconhecidos do país.

### **3. Literatura ao vivo na visão de quem faz: a experiência do Sarau Elétrico**

Ninguém sabia direito como a coisa iria acontecer, sequer se iria funcionar. A ideia era simples: juntar pessoas em um bar para uma sessão de leituras com um pequeno show de música ao final, aquilo que chamamos de “canja”.

A inspiração foi um disco que eu tinha ouvido na época, em 1999, um registro de uma leitura em um bar nos Estados Unidos, muito sintonizada com o espírito dos poetas da geração beat, que costumavam ler seus poemas em noitadas regadas a jazz e álcool. Era definitivamente uma leitura quente e dava para sentir que havia muita gente atenta, acompanhando a voz que lia textos de Jack Kerouac, uma voz forte e marcante de mulher. Como era em um bar, os ruídos do ambiente também apareciam. A sensação é de que a gravação havia sido feita da plateia. Esse conjunto de sons – uma pessoa lendo em voz alta, o barulho de copos, gente falando baixo, gente caminhando, portas abrindo e fechando, risadas e aplausos – criava uma atmosfera irresistível, e eu queria definitivamente estar naquele lugar.

Não posso deixar de pensar que a mesma leitura gravada sem ruídos de ambiente, num silêncio de estúdio por exemplo, teria uma enorme probabilidade de soar solene. E distante. E chata. Não quero dizer com isso que para uma leitura ser interessante seja necessário haver ruídos variados no entorno. O que sei é que aquele disco registrava uma leitura quente, cheia de





vida, e acho que parte do encanto vinha desse flagrante de “vida real ao vivo”, um recorte de realidade que trazia uma intensidade quase palpável.

Eu nem sabia, mas o que me atraiu realmente foi um conjunto de percepções sensoriais que está associado à ideia de performance e diz respeito ao tempo, ao lugar, à ação de quem fala e à ação de quem ouve, à presença física dos corpos, ao momento único que nunca mais se repetirá:

(...) em situação de oralidade pura, se mantém, de momento a momento, uma unidade muito forte, da ordem da percepção. Todas as funções desta (ouvido, vista, tato...), a inteligência, a emoção se acham misturadas simultaneamente em jogo, de maneira dramática, que vem da presença comum do emissor da voz e do receptor auditivo, no seio de um complexo sociológico e circunstancial único. (ZUMTHOR, 2014, p.16)

Quando o Sarau Elétrico começou, em 1999, eu trabalhava na rádio Ipanema FM e com alguma regularidade fazia leituras no ar, especialmente de crônicas (na verdade, eu fazia leitura de crônicas no ar desde que comecei em rádio). Nessa época eu tinha chamado o músico Frank Jorge para fazer uma pequena intervenção diária na rádio, a que demos o nome de “Crônicas Frankeanas”: um breve texto que ele escrevia especialmente para ler no ar. Era um exercício livre de estilo e concisão que o Frank desempenhou com muita “crocância”, para usar uma expressão dele.

Nessa mesma época eu entrevistei o professor Luís Augusto Fischer, e a conversa, que deveria ter sido sobre o *Dicionário de Porto-Alegrês*<sup>4</sup>, livro que ele estava por lançar, acabou se alongando e enveredando por vários assuntos e passamos um longo tempo conversando no ar. Detalhe: eu havia conhecido o Fischer alguns dias antes, num evento em homenagem ao Caio

---

<sup>4</sup> O *Dicionário de Porto Alegre*, de Luís Augusto Fischer, foi lançado com grande sucesso pela editora Artes & Ofícios em 1999.





Fernando Abreu, dirigido por Luciano Alabarse. O evento consistia em uma série de leituras de pequenos contos do Caio, por um grupo muito heterogêneo de pessoas, empresários, políticos, artistas, professores, gente de profissões, estilos e idades bem diferentes. Essa diversidade de vozes e a disposição genuína da plateia para ouvir criaram no ambiente uma espécie de tensão delicada, um lugar muito bom de estar.

Quando me ocorreu a ideia de um evento de leituras, acho que o nome “sarau” já veio junto. Usei o adjetivo “elétrico” porque gosto da sonoridade e do sentido, e gosto do efeito que produz junto com “sarau”, uma palavra que remete a um tempo anterior à eletricidade (na época eu tinha um programa na rádio Ipanema que se chamava Elétrica Ótica, e em 2010 criei uma rádio web chamada Elétrica).

O que eu sabia: eu queria fazer um evento público em um bar, alguma coisa que fosse tão agradável quanto aquela leitura que eu ouvi no disco e com aquele grau de atenção que eu senti na homenagem ao Caio.

Junto com a ideia e o nome, imediatamente pensei no Fischer e no Frank, com a certeza de que a mistura daria a mesma liga do nome: o professor, intelectual e cabeça, e o músico, irreverente e imprevisível. Falei com cada um por telefone, explicando meio sem jeito a proposta, era só uma ideia, um desejo de criar um encontro semanal de leituras e tal. Para minha total alegria, mesmo sem saber direito o que seria, eles imediatamente toparam.

Me senti confiante para ir ao bar Ocidente falar com meu querido e saudoso amigo Fonso, então um dos sócios. O Ocidente é um lugar importante da cena cultural de Porto Alegre desde a sua inauguração em 1980. O casarão colonial da avenida Osvaldo Aranha já foi palco de incontáveis shows, espetáculos de teatro, performances e festas do balacobaco. Expliquei que era um encontro de leituras, que deveria ser semanal, que encerraria com uma





pequena canja musical, que deveria haver mesas e que eu colocaria velas nas mesas para criar uma atmosfera especial, um clima diferente. Perguntei o que ele achava da ideia e a resposta veio em forma de pergunta: “quando tu quer começar?”. Aquilo foi um estímulo e tanto. Como o bar abria de quarta a sábado, concordamos que o dia ideal seria terça-feira, e o Fonso se dispôs a abrir o bar especialmente para o evento.

O primeiro Sarau Elétrico aconteceu no dia 6 de julho de 1999 e reuniu, além do trio Fischer, Frank e eu, o convidado Ricardo Silvestrin, para leituras em torno do tema “haicais”. A canja foi da B. Bossa Trio, do Carlo Pianta e da Biba Meira.

Ao longo dos anos, houve algumas mudanças na formação do Sarau. O trio se transformou em quarteto em 2000, com a entrada do professor Claudio Moreno, e assim permanecemos até 2006, quando o Frank saiu. No ano seguinte, a escritora Claudia Tajés passou a fazer parte do grupo e ficou até 2013, quando se mudou para o Rio de Janeiro. No final de 2013, o poeta Diego Grandó entrou para a formação, e no final de 2015 o Moreno resolveu sair, o que nos fez retomar o formato de trio da estreia.

Desde aquela primeira noite até hoje, 18 anos depois, há sempre um tema para dar norte às escolhas das leituras. Evidentemente não há nenhum rigor em relação a essas escolhas, o clima é de liberdade, irreverência e, não raro, total desrespeito ao tema proposto (o Frank Jorge era mestre nisso, é preciso dar o crédito). A leitura pode ser escolhida por afinidade, contraste, simetria, oposição ou qualquer outra relação possível com o tema. Resulta que a seleção do que será lido passa por filtros muito pessoais, e o que acontece naturalmente é que cada um faz uma pequeníssima introdução para explicar as razões de sua escolha. E essa breve fala, que pode parecer sem importância, acaba por revelar um pouco de cada um, humaniza e pessoaliza





de alguma forma o Sarau, ao contrário de eventos literários, que geralmente incorporam uma certa assepsia comum ao ambiente acadêmico.

Ao longo dessa história, o Sarau visitou temas variadíssimos. Podem ser genéricos sentimentos como nostalgia, amor ou tristeza; podem ser gêneros literários, como poesia, romance ou letra da canção; ou, ainda, recortes geográficos, como literatura francesa ou literatura gaúcha; também podem estar atrelados à pauta do momento, como feminismo, revoluções ou homofobia; ou, certas vezes, o sarau inteiro dedicado a um só autor, como já fizemos com todos os grandes, como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Shakespeare, Bob Dylan, Drummond, Borges e tantos outros.

Para dar uma melhor noção da abrangência do Sarau Elétrico, organizei duas listas com os temas, convidados e canjas, uma do ano de 1999, ano em que o Sarau iniciou, e outra de 2017, ano em que completamos 18 anos.

<b>30 temas de 1999</b>	<b>Convidado</b>	<b>Canja</b>
Haikais	Ricardo Silvestrin	B. Bossa Trio
Manoel de Barros	Luis Carlos Borges	Luis Carlos Borges
Fernando Pessoa	Paula Taitelbaum	Antônio Carlos Falcão
Música brasileira	Arthur de Faria	Arthur de Faria
Poesia erótica	Patsy Ceccato	2 Stupid Dogz
Modernismo	Zé Adão Barbosa	Quinteto de Cordas Oriente
Jorge Luis Borges	Lya Luft	Marcelo Fornasier
Literatura beat	Claudio Cunha e Wander Wildner	Hique Gomes
Literatura infantil	Carlos Urbim, Ricardo Silvestrin e Marcelo Carneiro da Cunha	Nelson Coelho de Castro
Filosofia	Sérgio Sardi e Marcelo Pelizoli	Les Johnson
Literatura norte-americana	Peninha, Tina Schumacher e Jimi Joe	Marcio Petracco e os Buscapé
Crônica	Ruy Carlos Ostermann	Frank Jorge
Mulheres	Martha Medeiros	Dolly





Literatura inglesa	José Carlos Volcato	Luciano Albo e Vasco Piva
Tradução	Donaldo Schuller e Marcia Schmaltz	Solon Fishbone
A poesia e a prosa de Porto Alegre	Edson Guedes e Eleonora Rizzo	Tom Bloch
Os irônicos	Luis Fernando Verissimo	Kabongo Latino Jazz Combo
Os brasileiros	Tarso Genro	Flu
Caio Fernando Abreu	Luciano Alabarse, Gorda e Amanda Costa	She's OK
Nelson Rodrigues	Falcão	Bataclan FC
Contracultura	Sylvio Ayala	Rafael Malenoti e Paulo James (Acústicos e Valvulados)
Gay Pride	Arlete Cunha e Grace Giannoukas	Muni e João de Deus
Chico Buarque	Paulo Moreira	Grupo vocal Paralelo 30
Saudade	Giba Assis Brasil	Jimi Joe e Astronauta Pinguim
Mau humor	Claudio Levitan	Claudio Levitan
Machado de Assis	Duda Calvin	Duda Calvin (Tequila Baby)
Futebol	David Coimbra	Muni
Concretismo	Felipe Elizadi	Felipe Elizadi
Contos	Cínia Moscovich	Carlos Badia
A cidade	Sérgio Jockymann	Duca Leindecker

<b>30 temas de 2017</b>	<b>Convidado</b>	<b>Canja</b>
Thoreau & outros libertários	Eduardo Vicentini de Medeiros	Melina Jazz
Viagem	Martha Medeiros	Frank Jorge
Vai ter feminismo no CTG, sim!	Shana Müller	Shana Müller
Grandes personagens femininas	Letícia Wierzchowski	Ian Ramil
Sexo, paixão & amores	Claudia Tajés	João Ortácio
Vida real	Ana Luiza Azevedo e Giba Assis Brasil	João Maldonado Trio (João Maldonado, Claudinho Calcanhoto e Marcio Bolzan)
Onde está a alegria?	Paula Taitelbaum	Bianca Obino





Revoluções	Ismael Caneppele	Valéria Houston
Legalidade	Luciana Tomasi e Wanda Capeller	Angélica Rizzi
Paulistas	Maurício Pereira e Arthur de Faria	Maurício Pereira e Arthur de Faria
Quixote & outros sonhadores	José Francisco Botelho	Nenung
Kafka, Beckett & outros absurdos	Francisco Gick	Marcio Petracco
Canção popular	Guto Leite	Guto Leite
Poesia para gente pequena, média e grande	Dilan Camargo e Alexandre Brito	Eduardo Vincent
Tradutores & Traduzido	Mele Pesti e Daniel Galera	Diego Garcia
Estrangeiros	Ida Celina, Mirna Spritzer, Valquiria Cardoso, Omar Giammarco e Arthur de Faria	Omar Giammarco e Arthur de Faria
Memória	Eliana Mara Chiossi	Quarteto das Marés
Mulheres	Fernanda Melchiona, Manuela d'Ávila e Sofia Cavedon	Marisa Rotenberg
Gessinger	Humberto Gessinger	Humberto Gessinger
Divas	Zeca Kiechloski	Rosana Marques e Robson Serafini
I Will Survive	Fabrizio Carpinejar	DNZL e Banda Madame Cardoso
Latinos	Karina Lucena e Sérgio Karam	Carlos Villalba, Nahuel Carfi, Lautaro Matute e Nicolás Rallis
Contra a burrice	Francisco Marshall e Ricardo Silvestrin	Luciano Leães
Literatura ao vivo	Renato Del Campão e Cia. Teatrofídico	Queijo Com Goiabada (Alexandre Missel e Antônio Carlos Falcão)
Bob Dylan	Diego Garcia e Ismael Caneppele	Diego Garcia
Erotismo e feminismo	Clara Corleone	LG Lopes
Biografias & autobiografias	Alexandre Lucchese	Serginho Moah
Crônicas	Moisés Mendes	Raul Ellwanger
Porto Alegre dos livros	Nelson Coelho de Castro	Diego Lopes
Verissimo 80 anos	Luis Fernando Verissimo	Vladimir Soares





---

Desde o começo adotamos a máxima do Fischer, estabelecida quando o Sarau Elétrico ainda era uma ideia: “tem que ter hora para acabar”. Ou seja, começamos às 21 horas, a sessão de leituras dura aproximadamente uma hora, talvez um pouquinho mais, mas nunca muito mais, e imediatamente chamamos a canja musical da noite, que em geral dura 30 ou 40 minutos.

A ideia de ter hora para acabar faz muito sentido, porque mesmo sendo entretenimento, o Sarau é uma atividade que exige atenção, requer da plateia um esforço de concentração para acompanhar o que está sendo lido. O fato de acontecer em um bar, que é um lugar de sociabilidade, em que as pessoas em geral bebem um pouco e obviamente sentem vontade de conversar, faz com que esse esforço de atenção seja ainda maior, portanto cansativo.

A dinâmica é sempre a mesma: depois das saudações entramos no tema, o Fischer faz sua primeira leitura, em seguida eu passo para o convidado da noite, depois o Diego, e eu leio por último, fechando a primeira, digamos assim, rodada. E assim vamos indo, passando a bola um para o outro.

Na verdade, existe uma outra tradição do Sarau Elétrico, que também começou espontaneamente e que se mantém, que é o aplauso ao final de cada leitura. Só depois me dei conta da importância desse gesto, dessa vibração entre uma leitura e outra, uma necessária pausa para respirar e processar o que foi lido. Num ritual de degustação de vinhos, todos sabemos, a água é importantíssima entre um e outro, para não misturar sabores, para “limpar” o paladar. Pois o aplauso ao final de cada leitura no Sarau é o gole de água entre um vinho e outro. Necessário.

Acho que parte do encanto da coisa toda tem a ver com o clima que permeia as leituras, a passagem de um para outro, a maneira pessoal e intransferível com que cada um expõe as motivações de suas escolhas.





Mostrar o sentido que um texto faz para cada um cria uma empatia, uma espécie de ponte que pode aproximar as pessoas de um texto ou autor.

Fazendo as contas, ao completarmos 18 anos de existência, em julho de 2017, chegamos a aproximadamente 860 saraus. Isso significa, em termos de público bruto, que mais de 50 mil pessoas já se deslocaram até o Ocidente nas noites de terça-feira para ouvir literatura. E as estatísticas aumentam um pouco mais se levarmos em conta o fato de recebermos, com alguma frequência, convites para participar de festas e feiras literárias, ou mesmo para fazer apresentações exclusivas, em cidades do interior e de fora do Estado. Na estrada, o Sarau Elétrico já passou por Brasília e Rio de Janeiro, e no interior do Rio Grande do Sul, em cidades como Rio Grande, Pelotas, Lajeado, Gramado, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Canoas, Alvorada, Caxias do Sul, Igrejinha, etc.

Nossa longevidade é surpreendente para muita gente (para nós, inclusive). Mas, mais do que isso, é também incentivadora para outro tanto: diversos são os saraus ou outros eventos literários que surgiram inspirados no Sarau Elétrico, na mistura de profundidade e descontração, leveza e comprometimento. Aqui cabe citar dois eventos criados por Nanni Rios, a série Sarau Erótico, evento mensal que ocorreu de 2012 a 2016, e os Encontros de Leitura, que acontecem quinzenalmente desde dezembro de 2015 no centro cultural Aldeia.

É interessante assinalar que a história do Sarau se dá justamente num período (de 1999 a 2017) em que o acesso à Internet cresceu exponencialmente no país. Os laços sociais mediados pela rede, as bolhas virtuais, a possibilidade de acesso a todo tipo de informação, em todas as formas de mídia, entre inúmeros outros fatores, poderiam ter sido fatais para um evento que exige presença física, silêncio, atenção dedicada e, acima de





tudo, linguagem verbal. A chave para tentarmos compreender esse fenômeno talvez se insinue na reflexão de Paul Zumthor:

A civilização dita tecnológica ou pós-industrial está em vias de sufocar em todo o mundo o que subsiste das outras culturas e de nos impor o modelo de uma brutal sociedade de consumo. Mas, na própria medida dessa expansão e diante da ameaça que ela traz, o que cada vez mais resiste no mundo de hoje? Resistem, sem intenção necessariamente de contestação ou de recusa, nos *media*, nas artes, na poesia, nas próprias formas de vida social (a publicidade, a política...), as formas de expressão corporal dinamizadas pela voz. Neste sentido não se pode duvidar de que estejamos hoje no limiar de uma nova era da oralidade, sem dúvida muito diferente do que foi a oralidade tradicional; no seio de uma cultura na qual a voz, em sua qualidade de emanação do corpo, é um motor essencial da energia coletiva. Talvez dessa redescoberta, dessa reintrodução da voz nos funcionamentos fundamentais do corpo social virá o que se poderia chamar de salvação: a despeito das recuperações e das comercializações inevitáveis, o retorno do homem concreto. (ZUMTHOR, 2014, p.62)

Gosto de pensar que, na contramão do ritmo acelerado, da tensão, do *stress* e de todos os excessos de todas as tecnologias, da falta de tempo para ler e ouvir, nós estamos lá, toda semana, no Ocidente, para fazer o Sarau Elétrico. Nós resistimos.

### Referências

ASSOCIAÇÃO RASO DA CATARINA. **Sarau do Charles**. Associação Raso da Catarina (site). Disponível em: <<http://www.rasodacatarina.org.br/sarau-do-charles/>>. Acesso em: 3 ago. 2017.

BAUMGARTEN, C. A. **A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo**. Porto Alegre: IEL, EDIPUCRS, 1997.

BORGES, T. **Campeonato de poesia incentivada surgimento de novos artistas**. Outras Palavras, 4 set. 2013. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/blog/2013/09/04/campeonato-de-poesia-incentivada-surgimento-de-novos-artistas/#more-6806>>. Acesso em: 3 ago. 2017.





- BRAGANÇA, S. P. R. **Pedro Geraldo Escosteguy: a poética que ultrapassa fronteiras** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/pge/pag52.htm>>. Acesso em: 3 ago. 2017.
- BROCA, B. **A Vida Literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- CAMARGOS, M. **Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.
- CARAPEÇOS, N. **Poetry slam: competição de poesia falada ganha cada vez mais adeptos no Rio Grande do Sul**. Zero Hora, Porto Alegre, 21 ago. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2017/08/poetry-slam-competicao-de-poesia-falada-ganha-cada-vez-mais-adeptos-no-rio-grande-do-sul-9875439.html>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- CEP 20.000. **CEP 20.000 quando, onde, como**. CEP 20.000 – centro de experimentação poética (blog), 5 ago. 2004. Disponível em: <[http://cep.zip.net/arch2004-08-01\\_2004-08-07.html](http://cep.zip.net/arch2004-08-01_2004-08-07.html)>. Acesso em: 3 ago. 2017.
- ESPAÇO CULTURAL ALBERICO RODRIGUES. **Quem é Alberico Rodrigues?** Espaço Cultural Alberico Rodrigues (site). Disponível em: <<http://albericorodrigues.com.br/indice2.htm>>. Acesso em: 3 ago. 2017.
- FILGUEIRAS, M. **A explosão de eventos literários no Brasil: em 2015, serão mais de 300**. O Globo, Rio de Janeiro, 30 jan. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-explosao-de-eventos-literarios-no-brasil-em-2015-serao-mais-de-300-15192839>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
- FISCHER, L. A. **50 anos de Feira do Livro: vida cultural em Porto Alegre: 1954-2004**. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- FLIP. **Flip em números**. Flip, 2017. Disponível em: <<http://flip.org.br/a-flip/sobre/flip-em-numeros>>. Acesso em 3 ago. 2017.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO; IBOPE. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil** (Quarta Edição). São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016. Disponível em: <[http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2017.
- LUCCHESI, A. **FestiPoa Literária: uma década de literatura livre marcada por debates, leituras e homenagens**. Zero Hora, Porto Alegre, 4 mai. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2017/05/festipoa-literaria-uma-decada-de-literatura-livre-marcada-por-debates-leituras-e-homenagens-9785798.html>>. Acesso em: 3 ago. 2017.
- MERLINO, T. **A tropicália da periferia**. Portal Luis Nassif (site), 16 out. 2009. Disponível em: <<http://blogln.ning.com/forum/topics/a-tropicalia-da-periferia>>. Acesso em 3 ago. 2017.
- MIRANDA, F. **Slam Resistência: batalha de poesia conecta público a poetas na Praça Roosevelt**. Cidade Lúdica (site), 13 ago. 2016. Disponível em:





- <<http://cidadeludica.com.br/2016/08/13/slam-resistencia-batalha-de-poesia-conecta-publico-a-poetas-na-praca-roosevelt/>>. Acesso em: 3 ago. 2017.
- MUSEUS DO RIO. **Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo**. Museus do Rio (site), Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=16:centro-cultural-municipal-laurinda-santos-lobo](http://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=16:centro-cultural-municipal-laurinda-santos-lobo)>. Acesso em: <18 mai. 2017>.
- NOBRE, L. **Padaria Espiritual**. Fortaleza Nobre (blog), 2009. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2009/10/padaria-espiritual.html>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
- ONDA CIDADÃ. **Sério Vaz – Sarau da Cooperifa – Jogo de Ideias**. Onda Cidadã (site), 2008. Disponível em: <<http://www.ondacidada.org.br/videos-audios/sergio-vaz-sarau-da-cooperifa-jogo-de-ideias/>>. Acesso em: 3 ago. 2017.
- REIS, L. F. **Chacal entrega o CEP 20.000 a uma nova geração de produtores e evoca sua história em peça**. O Globo, Rio de Janeiro, 24 abr. 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/teatro/chacal-entrega-cep-20000-uma-nova-geracao-de-produtores-evoca-sua-historia-em-peca-15958565>>. Acesso em: 3 ago. 2017.
- REZENDE, N. **A Semana de Arte Moderna**. São Paulo: Ática, 2011.
- RODRIGUES, M.; DIMITRIOS, Y; LIMA, V. ‘1,2,3 **Slam da Guilhermina**’: batalha de poesias completa três anos na zona leste. Vai dá pé (site), 9 mar. 2015. Disponível em: <<http://vaidape.com.br/2015/03/123-slam-da-guilhermina-batalha-de-poesias-completa-tres-anos-na-zona-leste/>>. Acesso em: 3 ago. 2017.
- SCAVONE, M. **Os saraus estão de volta**. Entre Livros, 2 ed., jun. 2005. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/entrelivros/reportagens/os\\_saraus\\_estao\\_de\\_volta\\_imp\\_rimir.html](http://www2.uol.com.br/entrelivros/reportagens/os_saraus_estao_de_volta_imp_rimir.html)>. Acesso em: 18 mai. 2017.
- STEFANEL, X. **Da corte para o povo**. Revista do Brasil, 4 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/02/da-corte-para-o-povo>>. Acesso em: 3 ago. 2017.
- UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO. **Três décadas marcadas pela formação de leitores**. Portal das Jornadas Literárias (site), Passo Fundo, 2011. Disponível em: <<http://jornadasliterarias.upf.br/verConteudo.php?cod=346>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
- ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

*DA AUTORIA: o conteúdo deste texto é de total responsabilidade de seu(s) autor (res).*

